

GEL & FRANCHI: 30 anos juntos

Cristina Altman e Mercedes Hackerott
(CEDOCH/DL-USP)

Caro Alceu. .

Convite do GEL nunca atrapalha. Afinal a gente deve alguma obrigação ao Grupo. E além da obrigação está uma amizade boa e compensadora. Embora não tenha entendido bem qual a forma de minha participação, o convite está escrito.

Se pudesse, pediria para esclarecer-me (pois não estive nas últimas reuniões) como o grupo está vendo o tema - Linguística e orientação oficial do ensino do português - Que pontos objetivos se esperam atingir? Que pontos deveríamos abordar? Como os colegas desejariam dividir o tema?

Vocês estão contando comigo para uma das exposições? ou somente para os debates?

Como você achar melhor - de acordo com o que vocês tem planejado - estou à disposição. Mesmo que não possa ficar aí os dois dias.

Desculpa-me o bilhete. A gente, em maio, põe em dia as informações e gasta o papo longo.

Franchi:

Vistos de hoje, os jovens professores que se reuniram com alguns alunos no *I Seminário do GEL*, em 1969, em Araraquara - Ataliba Teixeira de Castilho

* Reprodução fotográfica de correspondência inédita de Carlos Franchi a Alceu Dias Lima (Presidente do GEL no biênio 1975-1977). CEDAE-IEL/UNICAMP, S2 Doc. 234.

(Marília), Cidmar Teodoro Pais (USP), Francisco da Silva Borba (Araraquara), Ignácio Assis da Silva (São José do Rio Preto) e João de Almeida (Assis) – podem parecer heróis visionários.¹ Amparados pelo velho mestre, Isaac Nicolau Salum, o grupo pretendia abrir um espaço de discussão, ainda que informal, que propiciasse o intercâmbio de idéias entre professores e alunos que viviam circunscritos aos seus respectivos centros acadêmicos, ilhados na imensidão do Estado de São Paulo.² Os riscos da ousadia de discutir em conjunto os rumos a seguir no ensino secundário e universitário e as dificuldades que teriam que enfrentar não eram óbvios para todos naquele momento. Não se pode esquecer de que estávamos no final dos conturbados anos sessenta, em um período de violentas transformações sociais, políticas, e intelectuais, que reverteriam de vez nossos pacatos valores estabelecidos, inclusive os acadêmicos.

O clima de opinião entre os universitários brasileiros do momento era, de maneira geral, de extrema insatisfação. Insatisfação com o caráter (pseudo-) profissionalizante que haviam assumido as Faculdades de Filosofia, em detrimento das atividades de pesquisa; insatisfação com a implantação tardia e descontínua da disciplina Lingüística nos cursos de Letras e, principalmente, insatisfação com a maneira como se definiam os currículos, tanto os da chamada escola secundária, quanto os do ensino superior: por resoluções federais, sem que se levassem em conta, muitas vezes, a diversidade social e lingüística do país e as especificidades regionais.

Some-se a isso o violento processo de crescimento e agravamento dos desajustes econômicos e sociais por que passava a sociedade brasileira – aí inclusa a expansão desordenada das redes de ensino de 1º. e 2º. graus – e se tem uma pálida idéia

¹ O tema de Pais era sobre ‘o tratamento estatístico em Lingüística’; Borba sobre ‘seleção e tratamento do *corpus*’; Ataliba e João de Almeida sobre o ‘Projeto NURC’, de Ignácio Assis da Silva, sobre ‘análise estratificacional’ e de Salum: ‘métodos de investigação histórica’.

² Até o início da década de noventa, a produção do GEL é essencialmente paulista, i.e., ligada ao contexto das Universidades Estaduais, das Universidades Católicas e de Faculdades Isoladas do Estado de São Paulo. Encontramos participação de pesquisadores de Universidades de outros Estados (principalmente das Federais: ES, FF, MG, MT, PE, PR, RS, RJ, Uberlândia, Viçosa; Estaduais: Bahia e Londrina), mas não se pode dizer que essa participação seja representativa da produção dessas outras Universidades. Elas são estatisticamente não significantes e resultado do aumento da participação de alunos de pós, professores visitantes, colaboradores, que, em algum momento do seu percurso, estiveram ligados a uma das grandes Universidades paulistas.

do clima reformista dos debates acadêmicos naquela década. Debatiam-se a autonomia universitária, a democratização da carreira docente, a democratização do acesso ao ensino, a necessidade de implantação de cursos de pós-graduação, os conteúdos curriculares e a atividade político-partidária nas universidades.

Advogado estabelecido, também formado em Letras Clássicas, professor de Latim e Português nos tempos de Jundiáí, Franchi jamais conseguiu separar suas reflexões teóricas e sua postura didática das questões sociais e políticas que o incomodavam. Leia-se ‘políticas’, neste contexto, literalmente. Franchi fora vereador, candidato a prefeito, uma das lideranças do Partido Democrata Cristão de Jundiáí, e ativo defensor dos presos políticos do regime militar de 1964, antes de sair do país para completar sua formação acadêmica em Besançon.

Embora a estada em Besançon tivesse aberto para Franchi outros universos intelectuais, os problemas ligados ao ensino mantiveram-se muito tempo como uma temática importante do seu trabalho. Tanto é que logo vieram à baila na entrevista que concedeu ao ex-aluno, colega, e amigo, Rodolfo Ilari, em 2001: “*Dei aula durante longo tempo. Eu era uma voz absolutamente isolada em São Paulo. Você se lembra quando dirigiu o primeiro Guia Curricular? A Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, o Jornal do Brasil entraram de pau em cima.*” (cf. *Jornal da Unicamp*, uni-hoje-ju166-tema08.htm, p. 4, 20/4/02).

Não por acaso, pois, é que podemos interpretar como inevitavelmente engajada sua participação nas sessões plenárias e mesas-redondas dos seminários do GEL na década de setenta (V. *Quadro-Resumo* das suas participações, ao final do texto). São temas recorrentes na sua reflexão as relações entre o conhecimento lingüístico que se produzia na universidade e o ensino do português, sua aplicação em sala de aula, e sua utilidade na elaboração de material didático.

Era preciso mudar.

Boa parte dos textos debatidos em mesas-redondas, conferências e simpósios, antes do *XIX Seminário*, realizado em Mogi das Cruzes, em 1978, quando se começaram a publicar os *Estudos Lingüísticos. Anais dos Seminários do GEL*, é hoje irrecuperável. Muito do seu conteúdo e teor, entretanto, podem ser resgatados pela correspondência arquivada, manuscritos, bilhetes, anotações, atas, fichas de inscrição, aos cuidados hoje do *Centro de Documentação Alexandre Eulálio* (CEDAE-IEL/UNICAMP).

O bilhete de Franchi a Alceu Dias Lima, no contexto do *XV Seminário do GEL*, em 1976, que abre esta seção, testemunha o esforço que fazia para abrir espaço

em uma agenda atribulada, para participar do GEL, fosse no início, para tratar de questões de ensino; fosse, a partir dos anos oitenta, para tratar de problemas descritivos do português, ou de questões teóricas.

Mais esclarecedora, talvez, dos problemas em evidência na comunidade dos professores paulistas dos anos setenta, tenha sido a resposta ao bilhete que reproduziremos a seguir. Ressaltem-se os comentários sobre o conteúdo proposto pelos 'Guias Curriculares', em contraposição a uma orientação lingüística 'moderna', e sobre a necessidade do profissional esclarecido alertar as autoridades competentes, essas sim, aparentemente, as verdadeiras detentoras do poder de resolver os descontentamentos.

G E L - GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Sociedade Civil reg. sob nº 11.821 de 07 Reg. do Trib. e Doc. - São Paulo

São José do Rio Preto, 5 de maio de 1976.

Prof. Carlos Franchi
UNICAMP - Campinas

PREZADO PROFESSOR:

Antes de tudo, agradeço-lhe em nome do G. . .
sua disposição em colaborar no XV Seminário a realizar-se em São
José do Rio Preto, de 20 a 22 de maio.

Como o tempo é curto, respondo sinteticamente
às suas dúvidas:

1º - Seria desejável que se entrasse na discussão da validade e pertinência dos chamados "Planes Curriculares", em relação ao ensino de Português (Lhes contém os dois elementos envolvidos no tema da mesa-redonda: orientação oficial e pretensa orientação de Linguística moderna).

2º - Como objetivo da mesa-redonda teríamos a possível determinação de fatores negativos contidos nessa orientação oficial e a possibilidade de ~~responder~~^{reunir} elementos para alertar as autoridades competentes, sobre as possíveis consequências desastrosas da aplicação obrigatória de um modelo curricular que vem sendo duramente criticado.

3º - Não há em princípio, a essas alturas, condições de dividir o tema. Cada um dar a sua contribuição em forma de exposição pessoal (e não integrada).

provido o ensejo para reiterar agradecimentos e cordiais saudações.

Atenciosamente,

Pela Presidência / Prof. Nildemir Ferreira de Carvalho
- Secretário do G E L -

* Resposta do Prof. Nildemir Ferreira de Carvalho (Secretário do GEL - no biênio 1975-1977). CEDAE-IEL/Unicamp, S2 Doc, 235.

Os percursos individuais que levaram os profissionais paulistas à fundação do GEL em 1969 e a tomada de consciência de que seriam necessários *fora* coletiva de discussão, para sanar as insatisfações que os acometiam, não foram totalmente casuais. O ‘colégio invisível’ em que Franchi dava vazão à sua inegável vocação para a polêmica se revela aqui e ali através dos temas que o motivavam a comparecer ao GEL; entre seus interlocutores mais constantes faziam parte Ataliba de Castilho, Rafael Hoyos, Rodolfo Ilari, Sírio Possenti, Leila Bárbara, Mary Kato, Cláudia Lemos e Esmeralda Negrão.

Aryon Rodrigues, em colóquios informais, chamou nossa atenção para o fato de que neste mesmo ano se promovia, em São Paulo, o *II Instituto Brasileiro de Linguística*, que coincidia com o *III Interamericano do PILEI (Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Línguas)*; o *II Congresso da ALFAL (Associação de Linguística e Filologia da América Latina)*, cujo Presidente era Joaquim Mattoso Câmara Jr., e se criava a primeira sociedade formal de lingüistas brasileiros, de caráter nacional, a ABRALIN, de que o próprio Aryon seria eleito o primeiro Presidente.

Arriscado ou não, era um momento favorável às novas idéias em matéria de ensino e pesquisa lingüísticos, que começavam a adentrar o país. Nada mais natural, portanto, que Franchi, afastado à revelia do cenário político paulista entre 1968 e 1970, se associasse, em sua volta de Besançon, aos projetos desses jovens professores universitários que se propunham a repensar os caminhos de ensino e pesquisa lingüística diante da nova ‘realidade’ nacional.

Pelos manuscritos da geração fundadora do GEL que chegaram a nós, nos damos conta de que se tratava de um projeto essencialmente prático. Tentativamente, procurava-se articular as novas metodologias de análise lingüística – transcrição fonética e classificação de morfemas – à proposta de uma programação unificada de ensino de teoria lingüística para os cursos das Faculdades paulistas de Letras.

Para isso, esboçaram-se no contexto dos primeiros seminários do GEL dois projetos coletivos: a edição de uma coletânea de textos ‘modernos’ de Linguística e de Língua Portuguesa, elaborada pelos próprios associados, e a coleta de dados para a descrição da ‘norma urbana culta’ de São Paulo, ramificação paulista do Projeto NURC (cf. CEDAE-IEL/UNICAMP, D.01).

Nos manuscritos que preservaram essas metas do grupo, lêem-se claramente os temas que preocupavam a comunidade acadêmica paulista como um todo (*idem*, D.02). Do ponto de vista institucional, centravam-se na reivindicação de modernização do ensino universitário e de redução do excessivo número de alunos em sala de aula; na deficiência das bibliotecas; na dificuldade de manter um bom ensino calcado

apenas em exposições orais; na pouca participação dos estudantes em seminários e grupos de estudo; na pulverização do ensino da disciplina em apostilas improvisadas e heterogêneas.

Do ponto de vista do conteúdo, os interesses pendiam nitidamente para o estudo sincrônico de textos do português contemporâneo, na sua modalidade não-literária; na revisão da tradição gramatical de estudo da sintaxe e da morfossintaxe do português, com uma forte retórica de ruptura com as tradições lingüístico-pedagógico anteriores; para o estudo da variação e uso do léxico de comunidades especiais, urbanas, e para a descrição do uso do português oral, em sua modalidade coloquial, dita culta. Observe-se, a título de exemplo, o plano de trabalho proposto no *VIII Seminário do GEL*:

Projeto Coletânea de textos de Lingüística (VIII Seminário, 1972, Araçatuba):

Vol. I *Noções básicas*

Vol. II *Fonética e Fonologia*

Vol. III *Morfossintaxe*

Vol. IV *Lexicologia e Semântica*

Um exame das propostas que teriam constituído o Vol. I aponta nitidamente para uma recepção de autores da chamada 'Lingüística estrutural funcionalista' (que chegava até nós através de publicações francesas), em intersecção com uma Semiologia estrutural. Ainda que venha a optar por outros caminhos, Franchi conhecia muito bem o alcance e os limites desta literatura: Mattoso Câmara, Saussure, Hjelmslev, Malmberg, Martinet, Coseriu, Benveniste, Barthes. Em fonética e fonologia, recomendavam-se Trubetzkoy, Jakobson, Mounin, mas não só. Incluíram-se textos de Bloomfield, Ullman, Lyons e Ruwet.³ (V. '*Depoimento em Primeira Pessoa do Singular*' a seguir).

Em outras palavras, o português contemporâneo, desvinculado do seu contexto românico (histórico), latino-americano, e mesmo do seu contexto brasileiro

³ Assinam as traduções deste Vol. I, nunca publicado, Rafael E. Hoyos-Andrade, Erasmo D'Almeida Magalhães, Maria Lúcia Pinheiro Sampaio, Alceu Dias Lima, Jesus Antonio Durigan, Salvatore D'Onofrio, Carlos de Assis Pereira, Vandersi Santana, Pedro Caruso, Ignácio Assis da Silva, Maria Ângela Abud, Telmo Correa Arrais, Zilda Zapparoli, Idméia Semeghini, José de Almeida Prado, Assuer Quadri Prestes.

(em relação a outras línguas minoritariamente faladas no país) é que ocupou o centro dos interesses da comunidade que apresentou seus trabalhos no GEL. Não que se tenha pensado em excluir da associação – neste sentido é interessante comparar a ata de fundação do GEL com a ata de fundação da ABRALIN – professores de Linguística Românica (Comparativa), de Língua Latina, Línguas Estrangeiras, Línguas Indígenas, mas trabalhos sobre essas especialidades foram sempre raros, se comparados à atenção que se dedicava ao português.

Dito de outra maneira: a correspondência entre Franchi, Ilari e outros que com eles compartilharam as gestões na direção do GEL deixa patente essa vocação pluralista. Não houve, na formação e desenvolvimento do GEL, uma política de exclusão, quer pela orientação teórica, quer pelo objeto estudado. Por isso mesmo, o fato de se haver registrado um número muito pequeno de trabalhos sobre outras línguas brasileiras que não o português, ou mesmo sobre o estudo histórico-comparativo, passa a ser relevante. O lugar para divulgação dessas áreas existia virtualmente no momento de formação do GEL. O fato de ele não ter sido ocupado dá uma medida significativa do desinteresse dessa ‘nova’ geração por manter as tradições de estudo nas quais se formaram. A hora era de mudanças.

No contexto do Gel, o programa de investigação reconhecido, hoje, como *da Linguística*, está inegavelmente ligado ao *estruturalismo* de Mattoso Câmara (mais do que o de Aryon Rodrigues, por sinal. O interesse pelo ensino do português explica em parte essa preferência). Neste sentido, uma das mais importantes mudanças detectadas nos estudos linguísticos do Brasil, com o desenvolvimento do programa da *Linguística*, foi a procura de um embasamento teórico e metodológico em outros referenciais que não aqueles advindos da tradição filológica portuguesa. A busca de autonomia da *Linguística* em relação à tradição entendida como *Filologia* pode ser interpretada, portanto, a partir dos anos setenta, não só como uma ruptura sócio-institucional, mas também como uma ruptura com o conhecimento produzido por ela anteriormente. Embora o programa da Linguística nos anos sessenta fosse ainda para muitos uma vaga promessa (a implantação da disciplina foi descontínua e tardia em relação a outros centros), essa primeira geração de pesquisadores brasileiros sabia muito bem o que não queria fazer – não queria mais o estudo da história da gramática do português e/ou a edição crítica de textos literários.

O clima de opinião da época, intensamente reformista, propiciou o surgimento de novas lideranças intelectuais e organizacionais. Franchi, sem dúvida, foi um dos líderes organizacionais desta geração.

Teorização como Ideal de Cientificidade

A resolução de 1962 que constituiu a Lingüística como disciplina obrigatória para todos os alunos de Letras não foi suficiente para que a disciplina se solidificasse institucionalmente a ponto de definir um campo específico de atuação profissional. A Lingüística Brasileira, até o final dos anos setenta, foi uma lingüística de indivíduos. Levaria mais alguns anos para que saíssem de nossas Universidades alunos formados em Cursos de *Lingüística*, que reivindicassem objetivos que não se resumissem somente à atuação no magistério secundário, mas também em pesquisa.

Até meados da década de sessenta, portanto, a possibilidade de continuidade de estudos e de aperfeiçoamento dependia, ou da contratação de professores estrangeiros, ou da ida dos alunos para o exterior. Além, evidentemente, daqueles que, autodidaticamente, procuravam acompanhar as publicações estrangeiras, cujo acesso exigia basicamente recursos individuais de importação, já que não havia bibliotecas que pudessem ser consideradas especializadas, ou mercado editorial interessado. Tal contexto contribuiu, inegavelmente, para a propalada imagem de *receptividade* da Lingüística Brasileira durante a década de sessenta e de suas relações, no mínimo assimétricas, com os então considerados mais importantes centros acadêmicos ocidentais.

Do ponto de vista das inovações metateóricas, entretanto, teria sido necessário (talvez?) um pouco mais de cautela. A obsolescência das teorias lingüísticas que bombardeavam a ainda frágil comunidade universitária era muito mais rápida do que a capacidade dos lingüistas brasileiros de absorvê-las. O cruzamento quase simultâneo de tendências e orientações teóricas divergentes contribuiu para separar, nos termos de Ataliba de Castilho, ‘conservadores’ e ‘inovadores’ em matéria de estudo da linguagem. Observe, neste sentido, os temas teóricos de cuja discussão Franchi participou a partir do *XIX Seminário*, de 1978 (cf. ainda *Quadro-Resumo* ao final do texto): ‘estruturalismo e gerativismo’; ‘saldos e perspectivas da lingüística,’ ‘a lingüística contemporânea,’ ‘gramática e discurso,’ ‘formalismo e funcionalismo.’ Essas divisões estão na origem da nossa formação enquanto grupo profissional e das relações ambíguas que ora nos aproximam, ora nos afastam das outras áreas de Letras.

A Lingüística Brasileira dos anos setenta reivindicou para si – e para mais ninguém – o estatuto de cientificidade em matéria de linguagem, em nome dos aspectos quantitativo, formal e rigoroso que dizia (e procurava) imprimir aos seus procedimentos. Neste ponto, Franchi e os co-fundadores do IEL não faziam con-

cessão. Dividiram-se dicotomicamente os estudos sobre a linguagem em 'ciência' e 'não-ciência', o que sempre esteve na origem de certos desconfortos da Linguística em relação às outras disciplinas dos cursos de Letras e, principalmente, de certos preconceitos em relação a ela.

Trinta e poucos anos depois, é fácil avaliarmos o que deu certo e o que não se concretizou dos anseios dessa geração pioneira à qual pertenceu Franchi. Difícil é preservá-los em nossa análise e reflexão contemporâneas. O que é inegável é que as propostas que circulavam, sem censura, entre os participantes do GEL (não sem polêmicas internas, com certeza) transformaram a língua falada e suas gramáticas, os dialetos urbanos, o calão, as metáforas políticas, o ensino de línguas estrangeiras, enfim, a realidade brasileira em ebulição, em legítimos objetos de debate acadêmico, o que nem sempre parecia sensato promover nos estreitos (em qualquer sentido) limites de uma sala de aula.

Se nem tudo deu certo, o fato é que o GEL garantiu espaço para todas as vozes, orientações teóricas, nuances metodológicas, ou posições acadêmicas, e motivou outros planos e iniciativas, por cujos resultados, certamente, seremos cobrados. Se tivermos sorte (engenho e arte), nossa historiografia nos incluirá igualmente no legado de Franchi.

Apêndice

Tabela I – Quadro-Resumo da Participação de Carlos Franchi no GEL (1973-2000)

	X Seminário (outubro de 1973) FFCL – Avaré
CURSO	"Linguística II: Problemas diversos" Wilson Joia Pereira, José Luís Casagrande, Ignácio Assis da Silva, Dino Preti, Yara Frateschi Vieira, Izidoro Blickstein e Carlos Franchi
	XI Seminário (junho de 1974) FFCL - Tupã
MESA REDONDA	"A Linguística moderna e o livro didático" Geraldo Matos, Carlos Franchi e Dino Preti
	XIV Seminário (outubro de 1975) FFCL - Araraquara
4ª DIRETORIA DO GEL	Presidente: Alceu Dias Lima. Vice-Presidente: Carlos Franchi. Secretário: Nildemir Ferreira de Carvalho. Tesoureira: Maria Tereza de Camargo Biderman
	XV Seminário (maio de 1976) FFCL - São José do Rio Preto / UNESP
4ª DIRETORIA DO GEL	Vice-Presidente: Carlos Franchi
MESA REDONDA	"A linguística e a orientação oficial do ensino de Português" Carlos Franchi, Dino Fioravanti Preti e Ignácio Assis da Silva
	XVI Seminário (outubro de 1976) FFCL - Marília
4ª DIRETORIA DO GEL	Vice-Presidente: Carlos Franchi
	XVII Seminário (junho de 1977) Faculdade de Artes e Comunicações da Fundação Educacional de Bauru
4ª DIRETORIA DO GEL	Vice-Presidente: Carlos Franchi
	XVIII Seminário (outubro de 1977) FFCL "José Olympio" - Batatais
5ª DIRETORIA DO GEL	Presidente: Rodolfo Ilari. Vice-Presidente: Onosor Fonseca. Secretário: Ataliba Teixeira de Castilho. Tesoureiro: Carlos Franchi
	XIX Seminário (junho de 1978) Universidade de Mogi das Cruzes
MESA REDONDA	"Estruturalismo e Gramática Gerativa: duas maneiras de fazer ciência?" Rafael E. Hoyos-Andrade, Sírio Possenti, Carlos Franchi, Leila Bárbara
	XXI Seminário (setembro de 1979) FFLCH - USP
DEBATE	"Vinte anos de linguística e de linguistas no Estado de São Paulo: saldos e perspectivas" Leila Bárbara, Francisco da Silva Borba, Carlos Franchi, Cidmar Teodoro Pals
	XXIV Seminário (outubro de 1981) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
CONFERÊNCIA	"Perspectivas da Linguística hoje" Carlos Franchi
	XXV Seminário (maio de 1982) Pontifícia Universidade Católica de Campinas
MESA REDONDA	"Síntaxe, semântica e pragmática ou pragmática, semântica e sintaxe ou ..." Carlos Vogt, Mary A. Kato, Carlos Franchi, Cláudia Lemos
	XXVIII Seminário (outubro de 1984) FFCL "José Olympio" – Batatais
CONFERÊNCIA	"Além da Gramática, o Discurso" Carlos Franchi
	XXX Seminário (novembro de 1985) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto
GRUPO DE TRABALHO	"Funcionalismo" Rafael Hoyos-Andrade, Carlos Franchi, Hildo Honório do Couto, Ermínio Rodrigues
	XXXI Seminário (maio de 1986) FFCL "Auxílium" - Lins
GRUPO DE TRABALHO	"O funcionalismo linguístico: noções intuitivas comuns aos diferentes modelos" Rafael Hoyos-Andrade, Carlos Franchi, Izidoro Blickstein, Rodolfo Ilari
	XXXVI Seminário (maio de 1989) FFLCH / USP
GRUPO DE TRABALHO	"Advérbios: uma classe de palavras?" Rodolfo Ilari (coord.), Ataliba de Castilho, Célia M. de Castilho, Carlos Franchi, Margareth S. Elias, Maria Helena Moura Neves, Sírio Possenti
	XXXVII Seminário (outubro de 1989) Faculdades Integradas "Teresa D'Ávila" - Lorena
GRUPO DE TRABALHO	"Questões sobre a anáfora em Português" Carlos Franchi, Antônio Suárez Abreu, Ana Müller, Esmeralda Negrão
COMUNICAÇÃO	"O papel dos 'papéis' temáticos na teoria Linguística" Carlos Franchi
	XLII Seminário (maio de 1994) FFLCH - USP
CONFERÊNCIA	"Pluralismo em Linguística: a tematização das diferenças" Carlos Franchi
	XLVIII Seminário (maio de 2000) UNESP- Assis
CONFERÊNCIA	"Perspectivas da linguística contemporânea" Carlos Franchi